

ADRIANA BALBINOT

ESTUDO INTRODUTÓRIO SOBRE A HISTÓRIA DO ESPORTE

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná. Turma T Professor Dr. Iverson Ladwig.

Orientador: Professor Doutor. Wanderley Marchi Junior

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos que trazem na história do seu corpo a marca do esporte, seja na forma de cicatrizes na pele ou na alma...

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha amada família por estar a meu lado em todos os momentos desta caminhada.....

A meu orientador Professor Doutor Wanderley Marchi Junior pelo qual guardo profunda admiração e reconhecimento, agradeço pela atenção e paciência, e por ter respeitado a trajetória deste trabalho.....

A Natacha e Bruno por contribuírem infinitamente na minha vida...

“Mais que irmão! Conceito antigo. Nos instrui com perfeição. Se nem sempre o irmão é amigo, todo amigo é sempre irmão. Tem muito dos nossos gostos, das nossas opiniões. E se divergem os gostos, concordam os corações...”

Aos amigos de todos os dias e horas, especialmente, Mário Fidalgo, Carol Bahniuk, Mateus Camargo, Mariluz Inglat, Rafael Furtado, Caio Marambaia, Douglas Cerqueira, por terem compartilhado comigo o aprendizado de que é preciso cuidar dos amigos...

“É o sentimento que torna pessoas, coisas e situações importantes para nós. Esse sentimento profundo, repetimos, se chama cuidado. Somente aquilo que passou por uma emoção, que evocou um sentimento profundo e provocou cuidado em nós, deixa marcas indeléveis e permanece definitivamente” (Leonardo Boff).

Às atletas que fizeram parte da Escolinha de Voleibol da Associação Banestado, durante os anos de 1998 a 2001, obrigado pelo respeito, amizade, dedicação e por me provarem que é possível viver o esporte de forma humanizada...

A todos os amigos que partilharam comigo os caminhos da graduação....

À professora Rosicler Terezinha Goerdert, por me ensinar que títulos acadêmicos não se sobrepõe a valores humanos...

“Malditas sejam todas as cercas, malditas todas as propriedades privadas que nos privam de viver e de amar! Malditas sejam todas a leis amanhadas por umas poucas mãos para ampararem cercas e bois e fazer terra escrava e escravos os humanos!” (Pedro Casaldáliga)

...Malditas sejam todas as cercas que nos restringem a ver uma única possibilidade...

SUMÁRIO

RESUMO	VI
INTRODUÇÃO	01
1. CAPÍTULO 1: Histórico e concepções de esporte	01
1.1 ERIC HOBBSBAWM.....	05
1.2 ERIC DUNNING.....	07
1.3 NORONHA FEIO.....	08
1.4 MANOEL JOSE GOMES TUBINO.....	08
1.5 VALTER BRACHT.....	09
2. CAPÍTULO 2: Possíveis interpretações do esporte moderno	10
2.1 PIERRE BOURDIEU.....	10
2.2 JEAN MARIE BROHN.....	13
2.3 ERIC DUNNING.....	15
2.4 ALEN GUTTMANN.....	17
2.5 MAURO BETTI.....	18
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	27

RESUMO

O estudo que ora se apresenta, descreve o pensamento dos principais autores que abordam a trajetória do esporte desde seu surgimento até a atualidade. Percebendo criticamente as características apresentadas pelo esporte moderno, precisamos compreender que esporte é este que situa no seio de uma sociedade onde alguns valores se distorcem todos os dias, é sobre este esporte destituído de valores humanos que abordagem deste trabalho pretende se pautar, analisando o esporte de rendimento e as possibilidades de sua transformação.

Diante desta análise, este trabalho busca descobrir que elementos (valores) da sociedade moderna influenciaram a construção do modelo esportivo atual, bem como definir os motivos que levaram o esporte a tomar a forma atual e por fim delimitar possibilidade de transformação de sua prática. A pesquisa adota o método histórico de análise, investigando, assim, a bibliografia acerca da temática história do esporte e as concepções que se apresentam nestas obras. Nestas leituras, encontramos uma concordância no que diz respeito às relações entre esporte e o modelo de sociedade atual, nos ensinando que sendo essencialmente competitivo, o esporte reproduz as relações de mercado, a adaptação às normas de conduta, e de competição entre homens, assim o esporte se reveste dessas características e assume o papel que lhe é atribuído hoje, de superação, rendimento e vitória acima de tudo, assim como no mercado, que compete pelas vendas, pelo consumo, e tendo o lucro como seu maior objetivo. Por fim verifica-se a dificuldade de se encontrar referenciais que situem uma nova prática esportiva, um novo modelo de fazer parte deste universo complexo e fascinante, mas a busca por saídas e possibilidades ainda permanece e por onde pretende seguir a continuidade deste trabalho.

Palavras chave: Esporte moderno – história - sociedade

INTRODUÇÃO

Este trabalho é um desafio, tratar de um assunto polêmico, atual, avassalador, que mexe com paixões pessoais e de multidões, traz consigo uma busca inquietante por respostas, mas sobretudo traz prazer nessa busca. Perante a obrigação de iniciar mais uma tarefa acadêmica, penso que as cercas limitantes, para tal atividade, podem ser quebradas, podemos ir além de um cumprimento desta tarefa para adentrarmos o mundo da pesquisa. Nas palavras de Demo “na própria concepção moderna de ciência, cujo centro é o desafio inovador incessante, emerge a motivação do questionamento permanente, que rejeita o mero repasse subalterno” (DEMO, 1994, pág. 21). Assim esta pesquisa não termina nela mesma, é um início, está se configurando, assumindo o compromisso com a amplitude de discussões que o tema escolhido merece, assim pautado nas palavras de Demo está o resumo da linha que caracteriza esta construção monográfica

“caracteristicamente, a metodologia científica ressalta a importância da liberdade de discussão, concentrando a cientificidade, não em resultados considerados definitivos mas no método de busca infinita com base no questionamento intersubjetivo aberto e sempre discutível. Somente pode ser aceito como científico, aquilo que se mantiver discutível” (DEMO, 1994 pág. 22)

Partindo deste princípio, damos os primeiros passos em direção ao objeto de estudo. Observando os fenômenos que se apresentam na sociedade atual, aparece de forma inquestionável o esporte. As palavras de Melo descrevem inicialmente o sobre o tema que pretendo tratar. “Considerando que o esporte é uma prática cultural tão significativa quanto o teatro, e cinema e as artes plásticas, etc., nenhuma dessas manifestações, todavia, consegue como o futebol mobilizar tanta gente ao mesmo tempo, mexendo tão forte e amplamente com paixões, desejos e sentimentos.” (MELO, 2000 pág. 11)

Surgido no século XIX e modificado ao longo do tempo, o esporte se tornou um dos mais importantes elementos estabelecido firmemente como algo próprio de nossa época. Ainda que se divulgue amplamente que o esporte é praticado por milhares de pessoas e pode ser praticado em qualquer idade e em qualquer condição, não é essa a realidade que se encontra quando se lança um olhar mais apurado sobre o esporte. Precisamos compreender que esporte é esse que se situa no seio de uma sociedade onde alguns valores se distorcem todos os dias. É acerca

deste esporte destituído de valores humanos que a abordagem deste trabalho pretende se pautar, analisando o esporte de rendimento em contrapartida ao esporte que pode ser praticado sem os objetivos do modelo competitivo.

O modelo em que está pautado o esporte moderno hoje, prima pelo rendimento, pela dominação do mais fraco, pela supervalorização do mais forte, mais ágil, mais habilidoso, mais....mais....., como nas palavras de Rubio

“a sociedade vem se organizando na modernidade de forma a valorizar a ascensão, a vitória, o melhor, impondo um padrão de comportamento que privilegia o mais forte, o mais habilidoso. Aqueles que alcançam o primeiro lugar ou a vitória são reconhecidos, utilizados como exemplo entre os perdedores (termo que, aliás, é utilizado entre os mais competitivos como um adjetivo dos mais desmoralizantes) e contribuem para a perpetuação de um tipo de conduta” (RUBIO, 1994, pág. 25)

e ainda podemos citar, nessa mesma linha a exploração do corpo que muitas vezes é o corpo do trabalhador que em troca de salário cede as intenções do esporte, que se manifestam através das relações da exploração no sistema capitalista que quando se reportam ao esporte, colocam os atletas a serviço destas relações a partir da troca de trabalho corporal por um salário. Como nos diz Kunz (2001), o esporte torna o homem uma máquina que se resume a obedecer e esquecer as dores, os prazeres e as sensações que o corpo produz, precisando render cada vez mais para atender as mais altas exigências.

Bracht (1997), afirma que o esporte é um importante conhecimento construído pela humanidade e que, por volta do século XVIII, toma caráter competitivo e expande-se nestes moldes para o resto do mundo.. Fica a indagação sobre que componentes, que contexto, levou o esporte a absorver o caráter competitivo.

O modelo competitivo assumido pelo esporte esta presente em todo os níveis de sua execução, como diz Betti, (1999, pág 90) “as crianças tomam contato com o esporte precocemente por intermédio da mídia, em especial da televisão, antes mesmo de experimentá-lo corporalmente, invertendo a relação histórica entre o jogo e esporte, quer dizer, o esporte formal antecipa-se a vivência lúdica”. Sendo assim o esporte como está posto hoje, condiciona os praticantes a uma prática mecânica e acrítica, onde não há espaço para indagações a respeito desta prática corporal, “reduzindo o esporte a uma peneira seletiva de estrelas que despontarão para a fama, destituindo seu corpo de respeito e limitações naturais aos seres humanos” (ASSIS, 1999, Pág. 85). De acordo com a análise de Rubio (1994), identificamos que

o atleta passa diariamente por processos desgastantes que muitas vezes colocam seus sentimentos e suas relações sociais em segundo plano em privilégio das exposições na mídia, das grandes performances e grandes competições e guarda para si a ausência da família, e da condição de ser tratado como cidadão.

Entre as críticas que podem ser feitas ao modelo vigente de esporte, podemos citar Assis (1999), quando expõe que o modelo esportivo competitivo se desenvolveu na sociedade capitalista com valores que reproduzem esse modelo especialmente nas relações humanas, enfatizando a competição, contribuindo assim para a adequação à evolução industrial que através do rendimento dos trabalhadores faz a geração de lucros, neste sentido o esporte torna seus praticantes obedientes às regras sociais e esportivas, imprimindo ainda a falsa idéia de que todos são capazes de obter resultados vitoriosos, e que para além disso a máxima popular “o importante é competir” é a tradução da realidade social em que encontra a sociedade de consumo, onde há o discurso de que todos são iguais e que por seus esforços e superações podem alcançar o lugar mais alto do pódio, o lugar mais alto na vida.

Diante desta breve análise, este trabalho busca descobrir que elementos (valores) da sociedade moderna influenciaram a construção do modelo esportivo atual, bem como definir quais os motivos que levaram o esporte a tomar a forma atual, e por fim apontar possibilidades de transformação da prática esportiva moderna. Para construir esta análise, investigou-se a bibliografia acerca da temática história do esporte e as concepções que se apresentavam nestas obras. Lendo este material, podemos nos apropriar de informações que substanciarão a discussão acerca da temática proposta e possíveis apontamentos para uma nova prática esportiva.

Os procedimentos metodológicos adotados para viabilizar este trabalho, estão referendados em análise histórica de uma estrutura que pressupõe análise sociológica dos elementos levantados. Assim encontramos nas palavras de Lakatos, uma abordagem que determina um método histórico,

“partindo do princípio de que as formas atuais de vida social, as instituições e os costumes têm origem no passado, é importante pesquisar suas raízes, para compreender sua natureza e função. Assim o método histórico consiste em investigar acontecimentos, processo e instituições do passado para verificar a sua influência na sociedade de hoje, pois as instituições alcançaram sua forma atual através de alterações de suas partes componentes, ao longo do tempo, influenciadas pelo contexto cultural particular de cada época. Seu estudo

para melhor compreensão do papel de que atualmente desempenham na sociedade, devem remontar aos estudos de sua formação e de suas modificações” (LAKATOS, 1991, pág.31).

A escolha por este diagnóstico, se justifica por tornar a análise facilitada, situando os fenômenos no ambiente em que nasceram, principalmente no que se refere, segundo Lakatos, à gênese e ao desenvolvimento e modificações do objeto de estudo, fundamentando a comparação entre sociedades diferentes dessa forma, “o método histórico preenche os vazios dos fatos e acontecimentos, apoiando-se em um tempo, mesmo que artificialmente reconstruído que assegura a percepção da continuidade e do entrelaçamento dos fenômenos” (LAKATOS, 1991, pág.31).

1. Histórico e concepções de esporte

A fim de compreender a trajetória do esporte, desde seu surgimento, buscaram-se autores que contribuíram para construir esta trajetória. Elencados a seguir, temos as principais idéias de cada autor no que se refere ao fenômeno esporte.

1.1 ERIC HOBBSBAWM

Historiador inglês, nascido em Alexandria em 1917, lecionou na maior parte de sua carreira no Berbeck College, da Universidade de Londres. Entre suas principais obras encontramos "*A Era das Revoluções*", "*A Era do Capital*", "*Mundos do Trabalho*", "*A Invenção das Tradições*", "*História do Marxismo*", "*A Era do Impérios*".

Utilizando os estudos de Hobsbawn (1988) (1984), podemos entender a sociedade do século XIX, caracterizada por compreender grupos sociais divididos entre os mais abastados, formada por homens de negócios, profissionais liberais, e alto escalão do serviço público, estes representavam uma parcela da população que impunha seu status a partir dos locais onde moravam, da dimensão de suas casas, vida pública e privada inseparáveis, e outra parcela da população, desprovida dos atributos citados acima, era respeitada por suas convicções ou pela possibilidade de acúmulo de capital que era possível a partir do crescimento econômico da metade daquele século.

Nessa época quatro fatores interferem na formação de um novo estilo de vida mais privado e privatizado: primeiro a democratização política fez com que a burguesia perdesse o poder que outrora lhe era atribuído embora ainda por meio de suas influências tenha algum poder político; o segundo fator foi uma libertação dos valores puritanos, passou-se a partir disso, a gastar dinheiro para satisfazer o próprio prazer, e o ócio surge a partir desse princípio, a emancipação da mulher aparece com outro fator pertinente para as mudanças sociais, os jovens já se reúnem em grupos, causando mudanças nas artes, e na literatura, e como formas de lazer temos o turismo; finalmente o aumento da classe média e a possibilidade de ascensão social finalizam os fatores que contribuíram para o retrato da sociedade daquela época.

Estas alterações estruturais juntamente com mobilização social de operários conscientes, levaram a dificuldades para identificar claramente a classe burguesa, tendo esse termo se tornado pejorativo e não contemplando as aspirações

ideológicas desse grupo social. Ainda houve movimentações no seio desta sociedade, com exceção da elite, onde discutia as vantagens de se pertencer àquela camada da população. Com a grande movimentação das massas, ficava cada vez mais difícil identificar quem fazia parte de que grupo social, se não por características historicamente construídas como a posse de terras e a quantidade de dinheiro disponível, mas nem essas características deixavam clara a linha que separava as duas camadas sociais, até pela grande mobilidade social da classe média.

Não havia meios exatos para definir a classe burguesa e a operária, assim sendo, critérios precisavam ser criados para estabelecer características, principalmente foram escolhidos, além do padrão de vida e de cultura identificador de sua classe, uma atividade ociosa, que seria a nova criação dessa época, o esporte;¹ a educação formal, se apresentava como uma forte marca de quem pertencia à classe burguesa e significava um passaporte aos que ascendiam a ela. O status nas instituições educacionais era estabelecido pelos que se dispunham a participar de competições esportivas, vale ressaltar que as universidades de elite eram definidas pela presença ou não do esporte. A formação de fraternidades e equipes esportivas proporcionavam laços potencializadores de relações profissionais futuras. Evidencia-se porém que o ingresso nas escolas e universidades não era alcançado pelos filhos dos camponeses e operários.

Segregação residencial e educação formal conjugavam-se na prática do esporte que se formalizou nos primeiros anos do século XX. Os aristocratas entendiam como esporte os exercícios ligados à equitação e à caça, enquanto que os jogos e competições eram considerados “passatempos”. Entre a burguesia, o esporte de forma amadora, classificava uma classe elitizada, pois especificava um padrão burguês de lazer e um estilo de vida, não dispensando mais tempo a sua prática além do tempo livre a não ser em troca de salário, troca esta que não acontecia entre a burguesia.

Nesta época o esporte apresentava aspectos patriotas, militares e era relevante na educação dos futuros governantes. Mas criou-se a partir de sua prática o estabelecimento de padrões de vida, de novas relações entre famílias para além do doméstico, e o esporte tornou-se a principal forma de lazer e de expressão da

cultura corporal. Acontecimentos sociais como a emancipação social da mulher, foram determinantes para o avanço do tênis e outros esportes que passaram a serem praticados por homens e mulheres e contribuiu para as relações entre famílias da época. Os jogos realizados em grandes propriedades elitizavam e selecionavam os participantes, criando assim jogos da classe burguesa.

Nos anos de 1870 a 1914 houve a produção de manifestações que tinham fundo político e outras com fundo social, entre estas últimas, está o caso da fundação de clube e grêmios no final do século.²

1.2 ERIC DUNNING

Professor de sociologia da Universidade Leicester, Inglaterra, foi pioneiro no estudo da sociologia do esporte. Autor de livros acerca da sociologia do esporte, baseado na sociologia configuracional de Norbert Elias.

Enuncia que a esportivização do tempo de lazer, foi facilitada pela maneira como se deu a formação do estado, fato que não ocorreu em outros países da Europa (Itália e França) nesta época, como já citado por Huizinga. Segundo Dunning, duas principais manifestações esportivas demonstram o início da “esportivização das distrações”, no século XVIII os esportes eram organizados em clubes e as modalidades eram críquete, golfe, caça a raposa, corrida de cavalos e boxe, e no século XIX, ocorre uma modernização, e os esportes se organizam de forma mais abrangente sendo as associações a forma utilizada de organização. Essas associações favoreceram uma movimentação no seio da sociedade que levou os burgueses a alcançarem o poder em detrimento dos proprietários de terra. Assim as escolas públicas inglesas, onde os nobres estudavam, por serem instituições

¹ De acordo com os estudos de Huizinga em sua obra *Homo Ludens*, fatores como autonomia dos governos locais, encorajando o espírito de associação e de solidariedade, ausência de serviço militar e as formas de organização escolar, geografia do país e natureza do terreno são fatores relevantes que levaram a Inglaterra a ser o berço do esporte moderno.

² Incluo neste sentido a análise feita por Assis, 2001. Entendendo que as escolas da elite européia incluíram o esporte em suas atividades, modificando os jogos populares (Assis, 1998), temos que várias manifestações corporais foram cada vez mais ganhando regras e assim perdendo as funções a que antes serviam que eram baseadas em festas e rituais religiosos. Ainda nos estudos de Assis, encontramos algumas afirmações de como o esporte se desenvolveu, por exemplo cita que a expansão do esporte entre outras camadas sociais que não a burguesia se deu pelo aumento das escolas e da diminuição das horas de trabalho, havendo assim mais tempo para os trabalhadores praticarem suas atividades de lazer, a formação de clubes organizados por “expectadores ou executantes” e a regulamentação dos jogos, padronizados a fim de facilitar os campeonatos entre as escolas e clubes regionais e depois crescendo nacionalmente e internacionalmente e ainda o esporte como meio de controle dos adolescentes no que se refere à violência e por fim encontramos a universalização da instituição esportiva e a idéia de igualdade entre os participantes. Todos esses aspectos conseguem estipular algumas razões da expansão mundial do esporte.

relativamente autônomas em relação ao estado, e por estarem numa constante competição com outras escolas públicas, conseguem fazer esportes como o futebol emergir enquanto esporte moderno. Resgatando os estudos de Hobsbawm, entendemos mais uma vez a presença do esporte como um identificador de classes.

1.3 NORONHA FEIO

Em 1978, Feio fez considerações que implicaram no entendimento que assim que as escolas do século XIX deram mais ênfase aos esportes, acabaram por construir um movimento de esportes escolares e universitários dando mais tarde suporte ao renascimento olímpico, ultrapassando os muros das escolas, até então local quase que exclusivo das práticas desportivas.

Foi a partir dessa expansão do esporte para fora das escolas que o movimento olímpico ganhou força, inclusive com o ressurgimento dos jogos olímpicos em 1896. Pierre de Coubertin teve participação efetiva nessas duas iniciativas, buscando na Grécia antiga e nos modelos escolares de esporte a inspiração para seus projetos esportivos, entendendo o esporte como um meio para assegurar a paz e a boa relação entre os povos.

Ainda que não seja objeto de estudo deste trabalho, é preciso ressaltar que os jogos olímpicos, em especial o de 1896, foram de grande importância para a institucionalização do esporte mundialmente, pois requeriam normas de conduta, regras e esses aspectos se incorporam ao esporte conferindo a este fenômeno, características inconfundíveis até os dias atuais.

Remetemos a discussão a partir de agora a autores nacionais que expõem seus estudos no sentido de contribuir para a discussão histórica que pretendo aprofundar. Ainda que os autores que se seguem façam uma análise geral, e não da trajetória do esporte no Brasil, são considerações relevantes de estudiosos de renome nacional, portanto enriquecedores da discussão que ora se apresenta.

1.4 MANOEL JOSE GOMES TUBINO

Presidente da Diretoria Mundial da FIEP - International Physical Education Federation

Segundo Tubino (1993) o esporte esta intimamente vinculado ao jogo, e sua história “será invariavelmente a história dos jogos” (TUBINO, 1993, Pág. 12). Cita ainda que há duas possibilidades de surgimento do esporte; a primeira é do esporte vinculado a fins educacionais e a segunda é o esporte considerado apenas um fenômeno biológico, não histórico. Escreve que na pré-história os homens primitivos praticavam exercícios físicos como saltar, lançar, atacar e defender...e essas características do homem primitivo apareceram quando este passou a ser sedentário e passou a sofrer ataques. Desses grupos surgiram mais tarde, os egípcios hindus chineses entre outras civilizações e estes passaram a praticar atividades físicas com caráter higienista, mais tarde os gregos deram finalidade educativa aos exercícios embora em Esparta as atividades físicas ainda tivessem objetivo de preparação para a guerra. Foi quando surgiram os jogos gregos, que para Tubino, representa a concepção inicial de esporte, “qualquer relato sobre a história do esporte terá de começar pelos Jogos Gregos” (TUBINO, 1993, pág. 16). Deve-se lembrar que nesta época os jogos gregos, eram realizados seguindo rituais, sendo portanto manifestação religiosa, e de culto ao corpo (durante a preparação para os jogos olímpicos), que na verdade se traduz num ritual. O autor porém não faz relação entre estas práticas com a religiosidade ou cerimônias, são citadas, mas não há uma construção desta relação nos escritos de Tubino. Considera que o esporte moderno só vem a surgir na Inglaterra no século XX, concebido pelos esforços de Thomas Arnold, diretor de uma escola que incorporou as atividades físicas praticadas pelos burgueses ao processo educativo. Com o estabelecimento de regras para os jogos praticados neste educandário, estas práticas abandonaram os muros e se espalharam pela Inglaterra. Mais tarde, Pierre de Coubertin em 1892, iniciou um movimento de restauração dos jogos olímpicos, pois acreditava que o esporte poderia ser um importante componente que viabilizaria a paz mundial.

1.5 VALTER BRACHT

Doutor em Sociologia do Esporte, Professor da UFES, entre seus principais escritos estão “Aprendizagem Social”, “Esporte, Estado e Cultura”.

Bracht escreve sobre o esporte referindo-se a ele como “uma atividade corporal de movimento com caráter competitivo surgida no âmbito da cultura européia por volta

do século XVIII e que com esta expandiu-se para o resto do mundo” (Bracht, 1997), ainda diz que

“O esporte moderno resultou de um processo de modificação, poderíamos dizer, de esportivização de elementos da cultura corporal de movimento das classes populares inglesas, como os jogos populares, cujos exemplos mais citados são os inúmeros jogos com bola, e também, de elementos da cultura corporal de movimento da nobreza inglesa. Este processo inicia em meados do século XVIII e se intensifica no final do século XIX e início do século XX.” (BRACHT, 1997, Pág. 10)

Neste sentido, Bracht argumenta a partir de duas visões, uma que o esporte sempre existiu em todas as culturas, e foi se modificando a partir de contextos e momentos históricos onde estava inserido, e outra que o esporte é um “fenômeno datado”. Identifica que a história do esporte acompanha a história da sociedade, antecipando por vezes alguns elementos que se fazem presentes no decorrer da história, por exemplo o princípio do rendimento citado por Gebara (2000, pág.122), quando fala da “possibilidade de o esporte estar antecipando, enquanto componentes do sistema produtivo moderno, processos de disciplina, eficiência e controle de produtividade”.

Quando trata do processo histórico, Bracht, diz que o esporte moderno resultou de mudanças ocorridas desde a metade do século XVIII, intensificando-se no final do século XIX e XX, nas práticas corporais no interior da sociedade inglesa. Acredita que houve um declínio de jogos populares, ligados a festas e rituais. É, segundo o autor, no interior das escolas públicas que estes jogos são regulamentados e assumem aos poucos aspetos modernos.

2. Possíveis interpretações do esporte moderno

A partir da análise de vários autores, destacamos algumas posições que interpretam o modelo esportivo atual. Buscamos informações acerca do fenômeno esportivo, apontando suas principais características na modernidade. Com essas informações pretendemos nortear a apropriação do esporte moderno de características mercadológicas da sociedade capitalista.

2.1 PIERRE BOURDIEU

Sociólogo francês, Autor de “Coisas Ditas”, “Questões de Sociologia” e “Uma Crítica Social do Julgamento de Gosto”.

A partir da análise dos estudos de Bourdieu, encontramos nítida a preocupação em compreender as relações e o próprio sentido que as práticas corporais assumem nas relações cotidianas, da mesma forma quais as condições históricas e sociais que constituem o esporte moderno. Para Bourdieu (1983, pág. 137) “esporte é uma história relativamente autônoma que, mesmo articulada com os grandes acontecimentos da história econômica e política, tem seu próprio tempo, suas próprias leis de evolução, suas próprias crises, em suma, sua cronologia específica”. Segundo o autor, os esportes se aproximam dos jogos das sociedades antes mesmo da implantação do capitalismo (que dá ao esporte algumas características), assim a história da modernização do esporte acontece concomitantemente com o início da comercialização dos produtos esportivos. Identifica que o ponto de onde se parte para entender a trajetória do esporte é uma questão fundamental para análise, afirmando que

“...a partir de quando se constituiu um campo de concorrência no interior do qual o esporte apareceu definido como prática específica, irredutível a um simples jogo ritual ou ao divertimento festivo. O que leva a perguntar se a aparição do esporte no sentido moderno do termo não é correlativa de uma ruptura (que pode se operar progressivamente) com atividades que podem aparecer como “ancestrais” dos esportes modernos, ruptura correlativa da constituição de um campo de práticas específicas que é dotado de suas lutas próprias, e onde se engendra e se investe toda uma cultura ou uma competência específica” (BOURDIEU, 1983, pág. 137/138)

Ainda assim, Bourdieu, concorda com a discussão de que o esporte tenha se iniciado nas grandes escolas da elite inglesa, freqüentadas pelos filhos da nobreza, onde a apropriação dos jogos populares se deu para a incorporação a estes de

características, assim houve “uma mudança de significados e de função, muito parecida” àquela que o campo da música erudita impôs às danças populares, bourrés, gavotas e sarabandas, para fazê-las assumir formas eruditas como a suíte”. (BOURDIEU, 1983). No que se refere à prática de esporte nas escolas da elite inglesa, os valores conferem questões que incidem a coragem para liderar e a busca de vencer a qualquer custo, mas sempre dentro das regras impostas a cada esporte. É preciso se remeter às origens do esporte, que até hoje se fazem presentes em suas manifestações, segundo Bourdieu, que estabelece uma prática elitista e assegura práticas “desinteressadas e gratuitas” que servem para encontros da elite em torno de atividades esportivas, dessa forma a criação dos esportes nas escolas da elite, se justifica para assegurar a formação de grupos, de detentores do poder e do comércio da sociedade inglesa”.

Ainda entende que há uma relação de oferta e demanda, justificando assim “transformações das práticas e dos consumos esportivos” (GEBARA, 2001, pág. 11), dessa forma novidades do mundo esportivo são criadas para satisfazer as necessidades cotidianas, talvez criadas por um consumismo presente na sociedade atual. E conclui

“quanto mais superficial e cega for a percepção a todos estes requintes, estas nuances, estas sutilezas, menos ela encontra seu prazer no espetáculo contemplando em si mesmo e para si mesmo e mais está exposta à busca do “sensacional”, ao culto da proeza aparente e da virtuosidade visível, e sobretudo, mais ainda se liga exclusivamente a esta outra dimensão do espetáculo esportivo, o suspense e ansiedade pelo resultado, encorajando assim entre os jogadores e principalmente entre os organizadores a busca da vitória a qualquer preço. (BOURDIEU, 1983, pág. 144)

A interpretação histórica de Bourdieu, refere-se ao esporte como um “fenômeno social em processo de constituição, ou seja, as práticas esportivas refletem na análise de seu contexto histórico, continuidades e rupturas que caracterizam a expansão de suas fronteiras e as afirmam como objeto de estudo passível de interpretações à luz de diferentes teorias e propostas metodológicas”, exemplificando com as modalidades futebol e voleibol, como imagens das transformações ocorridas com os esportes ao longo do tempo. Afirma que as opções de práticas esportivas não são as mesmas com o passar do tempo, estando influenciado pelos agentes sociais que nele interferem.

Propõe uma relação entre várias áreas multidisciplinares para entender a composição do esporte, remontando uma teoria de campo esportivo para situar o

esporte, de forma que seja “permitido estudar as relações existentes em um lócus determinado e as estratégias dos agentes que compõe o esquema de transformação ou conservação da sociedade” (Marchi Jr, 2002). Assim compreendemos que a análise do fenômeno esportivo deve passar por várias áreas a fim de aprofundar uma interpretação.

Encontramos nos trabalhos de Giovanni, apontamentos acerca do esporte que se baseiam em Bourdieu, pois este autor procura entender o esporte moderno a partir das teorias do consumo, trabalho e produção, e sua indagação se preocupa em saber como e porque o esporte se mercantilizou, aprofundando sua análise no sentido de estudar o esporte como um campo de consumo, um setor de produção de bens e serviços, cabe tratar a transformação de bens culturais em mercadorias que vão além da passagem para espetáculo de massa, mas que abrange um universo de possibilidades do ponto de vista de atividade física, assim “os valores emergentes tais como o natural, a saúde, a beleza física o desempenho e fundamentalmente um certo tipo de competição que não é tipicamente esportivo mas que se infiltra em praticamente todos os campos de atividade coletiva” (DI GIOVANNI, 1995, pág 16).

Assinala como marcas da sociedade capitalista, as relações que se dão de papel social para papel social e não mais de pessoa para pessoa, estabelecendo requisitos de ordem produtiva e de ordem social. Analisa que a sociedade atual tem como característica essencial, a competitividade que se dá sob a forma de concorrência. Assim a produção é cada vez mais aumentada, gerando um aumento na oferta de bens e conseqüentemente um consumo maior desses bens, esta análise do autor nos explica como se dá o consumo de massas.

Com a análise de Di Giovanni, sobre o individualismo na sociedade capitalista, canalizamos esta análise para o esporte, quando nos diz que o individualismo inerte ao capitalismo, se reflete no esporte quando tratamos da performance, do desempenho que exigido de todos e almejado por todos e juntamente com a personalização desse desempenho se tem o reconhecimento social e a materialização desses conceitos em símbolos, que são sagrados no mercado capitalista.

Dentro desse contexto, o esporte encontrou um espaço adequado para seu desenvolvimento, segundo o autor, o crescimento de uma rede de abastecimento às necessidades esportivas, como máquinas, espaços para a prática, eventos entre

outros, faz do esporte um mercado capitalista. Se antes o esporte tinha uma relação com o tempo livre, agora se relaciona com o “tempo mercantilizável”, citando como exemplo as transmissões de eventos esportivos, que se apropriam do tempo livre dos telespectadores, “tornando-o mercadoria no processo de troca, principalmente na mercantilização dos bens culturais”. Ainda dentro dessa relação temos a presença do atleta, modelo de corpo e de performance a ser seguido, de ascensão social, sem considerar a relação de exploração desse corpo que muitas vezes é tratado como mercadoria.

“Em suma a expansão dos mercados de artefatos e serviços esportivos ocorre em estreita relação com a criação, destruição e recriação de modelos de saúde, de atleta vigoroso, ou de distinção social e pessoal, que caracteriza a ação dos principais canais da mídia, e que, por sua vez, guardam uma íntima relação com a lógica de produção e comercialização de eventos esportivos” (DI GIOVANNI, 1995)

A partir das interpretações de Bourdieu, Assis fala sobre o retrato do modelo de sociedade atual, fazendo uma ponte para o esporte podemos dizer que as contribuições da sociedade se referem a questões de produtividade, eficácia e eficiência e “sobretudo na formação do corpo dócil e disciplinado, apolítico acrítico e alienado” (ASSIS, 2001, pág. 15).

É preciso entender que a história do esporte não pode ser identificada de forma linear, descolada do desenvolvimento da sociedade no final do século XIX e início do século XX. Mas à luz dos estudos de Bourdieu podemos dizer que mesmo entrelaçado à história da sociedade o esporte teve sua própria trajetória. Não é possível traçar uma linha indicando onde se inicia o esporte moderno, o que não significa dizer que não há elementos para sua análise histórica, mas que em toda sua trajetória encontramos aspectos que demonstram essa descontinuidade, e que em se tratando de limitar quando as práticas corporais anteriores ao surgimento do esporte, tomaram caráter competitivo, não existe um marco formal.

2.2 JEAN-MARIE BROHM

Sociólogo Francês, escreveu “Sociologia política do esporte”. É professor de Sociologia da Universidade de Paul Valery de Montpellier.

Os estudo de Brohm, procuraram esclarecer algumas relações do esporte com a sociedade, estabelecendo o esporte sob o conceito de produção esportiva, assim produz mercadorias, entre as quais podemos citar, os atletas, os recordes, os

espetáculos, as competições. Destaca que o rendimento é o motor do modelo esportivo vigente, em torno do qual estão as outras características do esporte moderno. Retomando a questão de produção de mercadorias, temos que o esporte precisa “produzir campeões em quantidade e qualidade para o mercado”. Assim estabelecendo um paralelo entre o esporte e o mercado, a empresa seria o clube e que segundo Brohm é a célula central do tecido esportivo.

A análise de Brohm sobre o esporte moderno é bastante crítica, pautando-se nos conceitos marxistas, considera o desporto como um “microcosmos” da sociedade, citando o modo de produção desportiva. Assim explica o fenômeno esportivo como um campo onde o objetivo principal, é a produção de records, estreitando, assim a relação com a mídia. Esta por sua vez, produz através do esporte, um espetáculo alienante, servindo assim aos interesses dominantes.

Para Brohm o esporte estabelece relações com a sociedade, dimensionado funções externas e internas para esta, e é enfático em retratar essas funções como sendo de forma a cumprir um papel de diplomático, integrador (para estabilização do sistema capitalista), apolítico (despolitização pelo esporte: ópio do povo), e de mantenedor da ordem pública de colaboração de classes, colaborando para a distinção destas.

Nesta linha de relação do esporte com o mercado, buscamos os estudos de Proni, quando se refere a esporte espetáculo, visualizando o marketing esportivo como um dos ingredientes do esporte moderno, que embora tenha se consolidado apenas a partir da metade deste século, tendo contribuído para a consolidação do esporte enquanto espetáculo. Através de comerciais, propagandas o esporte tornou-se um mercado para a comercialização de produtos, que através do patrocínio a atletas e equipes, tem uma marca vinculada a telespectadores que podem vir a ser consumidores, o que aumenta a rentabilidade dos envolvidos no grande negócio que se tornou o esporte espetáculo. Proni ainda analisa as relações das transformações dos esportes com a vinculação destes espetáculos na televisão, dizendo que cada vez mais as regras são adaptadas para que os jogos sejam mais atrativos e que cada vez mais pessoas assistam aos jogos, envolvendo “transmissões ao vivo patrocínios milionários, gestão profissional, e orientação para o espetáculo”, (PRONI, 1995, pág 79) adequando o espetáculo às regras impostas pela televisão. O autor finaliza sua análise exibindo uma relação da história recente do esporte quando nos diz que “podemos dizer que a evolução do marketing esportivo, o

potencial mercantil das diferentes modalidades e a busca de gestões empresariais são elementos fundamentais para compreender a história e os rumos do esporte contemporâneo”. (PRONI, 1995, pág. 83)

2.3 ERIC DUNNING

Dunning, visualiza três características principais do esporte moderno: “crescente competitividade, seriedade no modo de envolvimento e a orientação para os resultados”. Quando tratamos de esporte moderno, em conjunto estamos falando de um modelo de sociedade, onde o esporte está inserido, assumindo para si as nuances dessa realidade, da qual também fazem parte essas três características.

Nos escritos de Dunning, encontramos que há um aumento da “competitividade, seriedade no modo de envolvimento e orientação para resultados” e isso torna clara a roupagem que o esporte incorpora das relações sociais, ainda podemos citar as alterações nas regras para aumentar a relação com os telespectadores. Escreve que o esporte cria uma relação de interdependência ente as partes que o compõe. Ainda faz um mapeamento de relações que acabam polarizadas elencadas a seguir:

“polaridade global entre duas equipes em oposição; polaridade entre ataque e defesa; polaridade entre cooperação e tensão entre duas equipes; polaridade entre cooperação e competição em casa equipe; polaridade entre controle externo dos jogadores, a vários níveis (dirigentes, capitães, colegas de equipe, árbitros, juizes de linha, espectadores e por aí em diante), e o controle flexível que o jogador exerce sobre si próprio, quer seja de um ou outro sexo; polaridade entre identificação afetuosa e rivalidade hostil em relação aos oponentes; polaridade entre prazer da agressão manifestada pelos jogadores e a limitação imposta pelo padrão de jogo sobre esse prazer; polaridade entre flexibilidade e rigidez das regras.” (DUNNING, 1992, pág. 303)

E principalmente polaridade entre interesses dos jogadores e os interesses dos espectadores e polaridade entre seriedade e jogo. Assim é possível identificar a partir das relações de interdependência e polaridades que podem se refletir nos espectadores. Esta relação pode apontar para uma espetacularização a partir do momento em que um grande número de pessoas assiste a um evento esportivo, que se dá em função dos espectadores e não dos participantes diretos, cujas ações devem agradar a multidão. Isto faz com que o desporto perca a sua incerteza, sua espontaneidade, caráter de diversão, tornando-se “um ritual previsível, até mesmo predeterminado nos seus resultados” (DUNNING, 1992, pág. 307). Assinala, ainda três processos inter-relacionados, formação do estado, democratização funcional e

divulgação do desporto através do aumento da rede de interdependência, como fatores determinantes para a formação do esporte.

Quando trata da história do esporte a partir das escolas públicas, se remete a cinco componentes, são eles:

“tendência para nomear e promover pessoal de acordo com um critério esportivo mais do que segundo um critério acadêmico; seleção de professores, isto é, dos rapazes que assumiam os comandos nas escolas, com base, em especial, na capacidade demonstrada no desporto; elevação do desporto a uma posição dominante e em certos casos, proeminente, no currículo, racionalização educativa do desporto em particular das equipes, como um instrumento de treino do caráter; participação de membros do pessoal docente na organização e nos jogos dos alunos” (DUNNING, 1992 pág. 314)

Embora Dunning critique os estudos de Rigauer, vale acrescentar algumas considerações deste autor, para estabelecer um diálogo e entender a crítica. onde este diz que o desporto é um produto burguês, uma forma de lazer apreciada pela classe dirigente que dispunha de tempo pra sua prática, uma prática que aparecia em contraposição ao trabalho, portanto algo que caracterizava uma classe social, a burguesia. Assim, quando mais tarde o esporte começa a ser praticado pelas camadas populares toma formas de trabalho, visto que prima por resultados assim como as linhas de montagem de uma fábrica. Assim sendo, segundo Rigauer, o esporte contribui para manter o status quo da classe dirigente, que busca na prática esportiva uma oposição ao trabalho, lembrando que essa é uma ideologia dominante e que não foge a realidade de “reforçar na escala do lazer uma ética de trabalho duro, de resultados e de lealdade de grupo que é necessária aos desígnios de uma sociedade industrial avançada” (RIGAUER *apud* DUNNING, 1979). Avança dizendo que o esporte passou de uma atividade de lazer, para uma atividade de trabalho, e cada vez menos, é incapaz de atuar como meio de aliviar tensões do trabalhador. Passa a representar uma atividade alienante que busca resultados e lealdade de grupo, condições tão necessárias à sociedade atual.

Conclui que o espetáculo predomina sobre o jogo, destruindo as características que tornam o jogo uma forma de lazer. Dunning aponta as considerações de Rigauer, fazendo uma crítica no sentido de não acreditar que se tornando tão alienantes e repressivos, como afirma Rigauer, os esportes tivessem tomado a dimensão que tomaram, e ainda percebe que nenhuma consideração ao equilíbrio de orientações opostas, que segundo Dunning aconteceu de fato e sobre a qual Rigauer não fez menção alguma.

2.4 ALLEN GUTTMANN

Allen Guttmann é professor de estudos americanos na faculdade de Amherst. Entre seus muitos trabalhos são os esportes das mulheres, nomeado o livro do ano pela sociedade norte-americana para a história do esporte. Publicou “Jogos e Império: Esporte Moderno e Imperialismo cultural”.

Fazendo uma análise dos estudos de Guttmann, encontramos o esporte moderno em constantes alterações, sofrendo influências das transformações sócio culturais ocorridas entre o século XVIII e XX, e a partir daí o autor encontra sete características principais para definir o esporte: São elas: 1) secularização, 2) igualdade de chances, 3) especialização, 4) racionalização, 5) burocratização, 6) quantificação e 7) busca de recordes. De forma clara podemos observar essas características também bastante visíveis na sociedade capitalista. Estabelece a modernização do esporte com duas características bem peculiares: especialização de funções e divisão do trabalho, tornando o tempo de trabalho do atleta num tempo voltado para a especialização de funções para garantir uma ótima performance durante os espetáculos esportivos, da mesma forma os eventos esportivos, tomam grandes proporções para acompanhar as mudanças que estão ocorrendo com o esporte, tornando as competições em grandes espetáculos. Nos fala ainda das mudanças do esporte, principalmente das regras que se antes foram criadas para proporcionar igualdade, agora são modificadas para servir a indústria do entretenimento. Nesta mesma linha de proporcionar igualdade, Guttmann coloca a segregação racial e a exclusão de mulheres do esporte como dois componentes importantes para entender as transformações do esporte, lembrando que a igualdade não está presente no esporte moderno, visto a diferença entre praticantes e profissionais, que nunca foi tão grande, escreve Guttmann.

Remonta aos esportes gregos e romanos, estabelecendo um diálogo, iniciando por dizer que os esportes gregos não podem ser antecessores do esporte moderno, por estes terem caráter religioso marcante, e quanto aos romanos, se exercitavam apenas para cultuar seus corpos, o que não estaria totalmente desprovido de rituais. Ainda se tratando dos sete itens que Guttmann descreve, passamos a tratar das regras, é impossível entender o esporte sem elas. Acreditando que a noção de regras vêm de noções medievais, passando a representar uma luta de classes e representavam uma menção à civilidade, se antes eram usadas como meio de propor igualdade, hoje servem à indústria da mídia. Mais

uma vez encontramos a afirmação que alguns esportes, entre eles o vôlei e o futebol, mudaram suas regras para servirem às intenções da indústria de comunicação. Ainda diz que “as regras foram por muito tempo uma espécie de aparato legal que, sob a forma de amadorismo, possibilita a manutenção do privilégio da prática dos esportes pela nobreza, e posteriormente, pela burguesia”. (GUTTMANN, 2003 pág. 67)

2.5 MAURO BETTI

Professor doutor da UNESP, escreveu “Janela de Vidro: Esporte, Televisão e Educação Física”, “Violência em Campo: Dinheiro, Mídia e Transgressão às regras do Futebol”.

Betti (1991) escreve que o esporte toma forma moderna a partir de transformações, vindas das classes populares inglesas que esportivizaram suas práticas cotidianas e cita como exemplo os jogos com bola, e na nobreza inglesa onde esse processo se deu também nas práticas corporais, em meados do século XVIII e mais fortemente no final do século XIX e início do XX. Faz uma interpretação do esporte moderno, a partir de sua espetacularização, onde a mídia, usa de artifícios de tecnologia ultramoderna para proporcionar aos telespectadores, cenas incríveis, fazendo com que a experiência de ver uma transmissão pela televisão seja muito diferente de assistir o jogo no estádio. Cria-se assim, segundo Betti, um novo fenômeno na cultura contemporânea: o esporte telespetáculo, realidade textual autônoma, ou melhor relativamente autônoma, em face da prática ‘real’ do esporte. Nesse sentido “há um discurso hegemônico nesta representação do esporte: falar de esporte é falar principalmente de competição, vitória, esforço intenso, trabalho profissional, dinheiro, violência e nacionalismo” (BETTI, 1999, pág. 90). Determina que as práticas corporais, lutas, danças, estão tornando-se cada vez produtos de consumo, mesmo que na forma de imagens e informação. E neste sentido, a partir do momento que há público pagando por espetáculos esportivos, está iniciado o processo de profissionalismo do esporte que mais tarde, por mover quantias grandes de dinheiro, caminha para render aos apegos da sociedade de consumo.

O esporte espetáculo, segundo Betti, está intimamente ligado à comunicação de massa, perdeu o caráter formativo, de lazer, passando a cumprir funções políticas e econômicas. Logo, segundo Betti, (1984) o esporte se transformou em razão de estado, assumindo caráter simbólico, os atletas agora, representavam a pátria.

Condição ainda presente na mídia. “o esporte tornou-se um espetáculo de forma a ser consumido pelos espectadores que procuram um entretenimento excitante, e é parte cada vez maior da indústria do lazer, sendo fator decisivo para isto o papel desempenhado pelos meios de comunicação, em especial a televisão” (BETTI, 1993, pág.48).

Betti, também elenca alguns códigos para separar o esporte considerado como de lazer, que é determinado por práticas ligadas à saúde, ao prazer e a socialização, no esporte espetacularizado, os códigos, se referem à vitória e derrota e a maximização do rendimento e da racionalização. Acerca das conseqüências da espetacularização do esporte, o autor fala sobre a fragmentação e descontextualização do fenômeno esportivo, dessa forma

“fatos são retirados do seu contexto histórico, sociológico, antropológico. A experiência global do ser atleta é fragmentada: a socialização no confronto com outrem, o prazer a ludicidade não são vivências privilegiadas no enfoque das mídias. No entanto, as eventuais manifestações de violência em partidas de futebol por exemplo são exibidas e reexibidas fazendo-nos acreditar que o futebol é um esporte violento” (BETTI, 1999, pág. 32)

Assim a mídia, constrói imagens no público, concepções, e cria um imaginário que não questiona que esporte é esse, segundo o autor, modelando novos modos de compreensão e construindo uma interpretação de mundo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Na euforia da chegada, há um convite irrecusável
para uma nova partida”.*
Helena Kolody

Antes de iniciar a discussão acerca do esporte moderno, sua constituição e modernização, é preciso prestar muita atenção às palavras de Gebara, autor que procurou com seriedade estudar o esporte, assim estas são palavras merecem relevância ao tentar explicar o mundo do esporte “o esporte moderno é um objeto em constituição, ele não está ainda constituído a ponto de permitir sua compreensão com base em um modelo de análise preconcebido, não obstante serem, os modelos de análise, fundamentais para o desenvolvimento do tema” (GEBARA, 2002, pág. 6).

A percepção que identifica mudanças sociais que seriam determinantes para a construção do fenômeno esporte, me parece clara para sustentar a análise que o esporte sofre forte interferência das mudanças ocorridas na sociedade. Com a análise dos estudos históricos algumas respostas parecem esclarecer a trajetória do esporte. Aspectos como competição, mercadorização, espetacularização, dão ao esporte a roupagem que o determina como é. Assim sendo, podemos dizer que os autores que analisam o esporte moderno Hobsbawm, Bourdieu, Dunning, Assis, Proni, Marchi Junior, Di Giovanni, Pires, Bracht, concordam entre si ao falarem da construção das características do esporte moderno, ainda que não determinem para eles, as mesmas matrizes históricas e teóricas de análise.

A partir do momento em que se percebeu que o esporte poderia ser uma forma a mais de lucro para grandes empresas, verifica-se que o uso do atleta para carregar estas marcas, tornou-se freqüente. Esta é mais uma linha que a sociedade moderna capitalista apresenta seu modelo. “Tido como um dos principais fenômenos sociais e uma das maiores instituições do planeta, o esporte tem refletido a forma como a sociedade vem se organizando, espelhando as diferenças entre Estados, povos, e classes.” (RUBIO, 1994), da mesma forma Pires (1998), nos diz que o esporte toma dimensão funcionalista, visando aumentar a eficácia da produtividade do trabalho. Considerando os aspectos históricos encontrados nos escritos dos autores supra citados, encontramos uma certa sintonia no que se refere à trajetória do esporte desde seu surgimento até a apropriação do modelo atual. Não

encontramos unanimidade nas questões que se reportam a esclarecer o que determinou o esporte para se tornar o que ele é. Podemos apontar alguns estudos que vislumbram o modelo esportivo incorporado a partir do modelo de sociedade onde se inclui, fazendo uma relação entre trabalho e esporte, apropriando-se dos valores que permeiam a sociedade capitalista, dessa forma o esporte estaria contribuindo para manutenção do *status quo*. Di Giovanni é um dos autores que caminha nesta linha, falando sobre trabalho, produção, mercantilização, espetacularização. Apresenta-se ainda compreensão de Pires que discorre sobre a alienação do trabalhador, aqui entendido como atleta que vende sua performance, quando fala que “para a alienação do **trabalho humano** condição necessária ao mundo do **trabalho produtivo** (no sentido capitalista)” (Pires, 1998, pág. 27, grifos mantidos do autor). Para contribuir neste debate, encontramos mais uma afirmação de Pires, de que o esporte se apropria do modelo capitalista, quando diz que

“poderíamos ainda fazer referência a dois aspectos que nos mostram as relações bastante próximas entre esporte e trabalho na sociedade contemporânea. Primeiro, a **própria profissionalização do esporte de rendimento**, que faz que o mundo do esporte e o do trabalho, ao menos para os trabalhadores deste setor (atletas, técnicos, dirigentes, e outros), transformem-se efetivamente em um só” (PIRES, 1998, pág.27).

Por outro lado, encontramos a análise de Bourdieu que se refere relação de oferta e demanda como reguladores do mercado, determinando assim uma mercadorização do esporte como produto e sendo fundamental para determinar o modelo esportivo atual.

Estas são as duas possibilidades de entender o modelo esportivo atual, procurando elucidar a luz dessas duas possibilidades, uma justificativa coerente, uma gama de elementos substanciais para fundamentar a discussão.

Não há possibilidade de refletir acerca do modelo esportivo, visando sua mudança, sem nos remeter a sua história, como se deu o processo de esportivização de algumas práticas corporais, ou mesmo de alguns jogos. A interpretação dada a estes fatos, pode render respostas a questão fundamental deste texto.

Tomando as argumentações dos autores que escreveram sobre a gênese do esporte, podemos afirmar que este se apropriou de características encontradas na sociedade do século XIX e XX. Ainda que alguns autores como Tubino, sigam outro caminho de argumentação, dizendo que o modelo competitivo é inerte ao ser

humano, pois era necessário à sobrevivência nos tempos remotos. Tubino, não encontra pares para sua interpretação, assim me parece pouco provável que sua afirmação seja coerente com estudos mais aprofundados.

Tomamos ainda a argumentação de Pires, afirmando que a apropriação do esporte pelos modelos competitivistas se consolidou de maneira que “a cultura esportiva é um exemplo nítido de como o capital globalizado pode vir a determinar mudanças nas práticas culturais socialmente construídas, com vistas a torná-las mercadorias ou veículos de comercialização” (PIRES, 1997, pág. 27). Da mesma forma Gebara afirma que

As imagens produzidas por esses virtuosos se tomam elas mesmo mercadorias. Estamos falando de novos consumos culturais, e neste sentido, a discussão “pós-moderna” não seria estranha às ocorrências que se verificam no esporte em nossos dias. Não se trata mais de definir “quem é quem” no interior da burguesia inglesa de fins do século XIX. Trata-se de produzir e controlar eventos, imagens e o cotidiano espetacularizado, trata-se de mercadorias de um novo tipo, não diretamente produzidas pelo trabalhador assalariado (o operário da revolução Industrial), mas pela mercadorização de símbolos e signos produzidos por um processo cultural de múltiplas dimensões, a um tempo local e regional, e global no momento seguinte”. (GEBARA, 2002 pág.13)

Parece clara a explanação do autor conferindo as reflexões apresentadas uma certa confiança, dizer que o esporte moderno apresenta características da sociedade capitalista, incorporando valores que o tornam excludente, competitivo e ainda, assim como no mercado mundial, visando lucro e qualidade total. Mas também devo aqui abordar uma análise feita por Bracht, que contribui na discussão:

“Por um lado, as análises estruturais identificando características comuns no desenvolvimento do esporte, e como esse esporte absorve e repete os valores, os princípios estruturantes da sociedade moderna (capitalista e socialista), e por outro, contrapondo-se a essas análises, estudos mostrando ritmos culturais próprios, significações, ressignificações divergentes presentes no fenômeno esportivo. Às tentativas de homogeneização do conceito esporte, contrapõe-se os exemplos de sua diversidade e polissemia. Inclino-me a ver essas análises mais como complementares que como antagônicas”. (BRACHT, 2002, pág 193)

Bracht assinala que essas mudanças foram uma precondição para a mercadorização do esporte, pois entende que o corpo passou da condição de repressão a exaltação e a criação do corpo esportivo que busca a imagem de saudável, jovem e produtivo.

Buscando autores que estudam o esporte, encontramos uma concordância no que diz respeito às relações entre o esporte e o modelo de sociedade atual, nos ensinando que sendo essencialmente competitivo o esporte reproduz as relações de

mercado, a adaptação a normas de conduta, e de competição entre os homens, assim o esporte se reveste dessas características e assume o papel que lhe é atribuído hoje, de superação, rendimento e vitória acima de tudo, assim como no mercado, que compete pelas vendas, pelo consumo, e tendo o lucro como seu maior objetivo.

Dunning lembra Trollope (1888) dizendo que “Os desportos estão a tornar-se excessivos e os homens que os praticam permitiram que lhes fosse lembrado que o sucesso vulgar não vale nada....Tudo isso provém do excesso de entusiasmo sobre o assunto, do desejo de alcançar com demasiada perfeição um objetivo que, para ser agradável, deveria ser um prazer e não um negócio”.

Para representar os elementos aqui analisados, aproprio-me dos escritos de Reis (2003) e Melo (2000), que fazem um apanhado histórico do futebol, desde seu surgimento até sua espetacularização, por ter este esporte alcançado tamanha importância atualmente. Reis e Melo concordam sobre o princípio da criação do futebol, dizendo que esta modalidade surgiu na Inglaterra, no século XIX e que era praticado como passatempo expandindo-se para o resto do mundo com o advento da revolução industrial, quando passa a ser esportivizado.

“Se, por um lado, a conquista do futebol por adeptos em outros países não teve uma relação dependente do nível de desenvolvimento dos diferentes países, sua esportivização na Inglaterra teve uma grande relação com as mudanças sócio-políticas que vinham ocorrendo no país desde os finais do Século XVI”. (REIS, 2003). Esta análise da autora nos remete aos estudos de Hobsbawn, quando este trata das práticas esportivas surgidas no interior das escolas de elite da Inglaterra, e que mais tarde passou a ser praticado pela classe trabalhadora. Concordando com esta análise a autora escreveu

“o futebol surgiu de forma regulamentada, inicialmente, nas escolas públicas inglesas entre 1845 e 1862 (ELIAS & DUNNING, 1992). Mas o marco oficial da ‘criação’ do futebol, como um esporte moderno, é os últimos meses do ano de 1863, quando foi criada a Associação de Futebol inglesa (‘Football Association’ – FA). Todos sabemos que estas escolas eram freqüentadas pela elite inglesa da época. Porém a prática do futebol não demorou muito para ser disseminada entre os membros da classe trabalhadora ou mesmo entre os ociosos”.

Podemos citar ainda os estudos de Elias e Dunning acerca do processo civilizador que muito bem representa a trajetória do futebol em se falando de características apropriadas da sociedade

“Os anos intermediários entre os Séculos XVI e a metade do Século XIX foram de muita violência entre facções de proprietários rurais ingleses. Segundo os relatos de Elias e Dunning (1992), os problemas entre as famílias e os proprietários eram sempre resolvidos através da força física, assim como as vinganças pelas perdas de pessoas queridas. Fatos bastante distintos do que passaram a ocorrer na sociedade inglesa quando esses mudaram para o regime Monárquico-parlamentar. Aquelas discussões e lutas que eram travadas no campo da força física, passaram a ser realizadas nas cortes, onde havia espaços para as discussões e as defesas.” (REIS, 2003)

Da mesma forma, Melo afirma que o esporte foi introduzido nas escolas de elite inglesas também como forma de controle sobre os estudantes, imputando-lhes valores como cavalheirismo (através do fair play), boa conduta e honestidade.

Concordando com as interpretações expostas aqui, o texto de Reis, representa também a análise da profissionalização do futebol, a partir das práticas e disputas que se iniciaram nas escolas públicas inglesas, toda esta representação, dá suporte aos estudos históricos abordados no primeiro capítulo deste trabalho e pretende demonstrar a partir da modalidade futebol o processo que os esportes em geral percorreram. Desta forma, citamos as palavras de Reis quando destaca que:

Apesar da resistência à sua profissionalização pelos membros da elite, o gosto pelo jogo foi tanto que, em curto espaço de tempo, o futebol profissionalizou-se em 1885. A responsabilidade por essa profissionalização é atribuída à grande participação de ociosos que dedicavam muito tempo à sua prática, tomando-se mais habilidosos do que os freqüentadores das “Public Schools”. Estes últimos, ao perceberem os riscos de competirem com os jogadores de futebol que não pertenciam à sua classe social, negavam-se a participarem de confrontos. A escusa era de que os dirigentes e alunos das escolas públicas eram contrários ao *ethos* profissional e, dessa forma, livravam-se dos riscos de serem derrotados por uma classe social subalterna nos confrontos futebolísticos”. (REIS, 2003)

Trazendo a discussão para o Brasil, Melo nos conta que antes da chegada de Charles Miller, já se praticava aqui o futebol copiando o modelo inglês. E como na análise de Hobsbawm, dizendo que o esporte iniciou-se nas escolas, no Brasil, o futebol início também nas escolas de elite, principalmente aquelas conduzidas pela igreja, que segundo Melo, começou a encarar o esporte “como uma maneira de gastar energias impedindo que os jovens pensassem em atividades pecaminosas” (MELO, 2000, pág. 18)

Partindo para outra das proposições deste trabalho que é apontar para novas perspectivas da prática esportiva, deparo-me com a dificuldade em encontrar referenciais que situem uma nova prática esportiva, um novo modo de fazer parte deste universo complexo e fascinante, mas a busca é por saídas, por possibilidades.

Encontro nos escritos de Assis, algumas aproximações que cabem nesta construção. Concordo com o autor quando este diz que a criação de uma nova prática esportiva é possível a partir do momento em que os valores presentes no esporte que supervalorizam um indivíduo em detrimento do coletivo forem substituídos por valores que possibilitem prazer a todos os envolvidos, entendendo o esporte como uma instituição construída e modificada pela sociedade, portanto é por ela que deve ser transformado. Assim a demanda é que todos os envolvidos no esporte promovam sua mudança, especialmente os profissionais de Educação Física e Esporte, mas creio que a discussão sobre formação profissional que daria conta desta sugestão merece um trabalho de grandes proporções, o que não é possível neste momento.

Assis faz uma possível re-invenção do esporte para fins escolares, mas não acredita na divisão de esporte dentro e fora da escola, tomo sua análise para o modelo de esporte que pretendo assumir aqui. Buscar as raízes dos jogos, antes praticados de forma lúdica é uma possibilidade, dessa forma o autor frisa

“É preciso aprender como as pessoas comuns se reúnem para jogar, para bater bola, para organizar festas esportivas, independentemente dos resultados, de dinheiro e de reconhecimento público. É preciso aprender com o futebol de rua que ensina de forma indiscutível que o melhor jogo é aquele auto-organizado”.(ASSIS, 2001, pág. 199).

São afirmações ainda que utópicas de extrema relevância para uma outra abordagem do fenômeno esportivo, ou como nos alerta Assis “para que mais à frente não seja consagrado um completo embrutecimento humano...” (ASSIS, 2001, pág. 199). Dando a entender que a forma em que o esporte se apresenta hoje, torna os homens máquinas insensíveis preocupadas em, no menor tempo possível, chegar ao resultado, e que este seja a vitória, não importando qual seja o custo.

“Mas, o esporte traz consigo, na sua origem, a cultura do povo, modificada e transformada em produto de consumo. Traz consigo possibilidades contraditórias, estabelecidas em sua própria dinâmica, de forma que é possível enfatizar situações que privilegiam a solidariedade sobre a rivalidade, o coletivo sobre o individual, a autonomia sobre a submissão, a cooperação sobre a disputa, a distribuição sobre a apropriação, a abundância sobre a escassez, e confiança mútua sobre a suspeita, a descontração sobre a tensão, a perseverança sobre a desistência e além de tudo, a vontade de continuar jogando à pressa para terminar o jogo e configurar resultados.” (ASSIS, 2001 pág.196)

Para além de toda a complexidade do assunto, de forma breve e sensível Assis remonta neste último parágrafo, algumas palavras que não podem ficar

perdidas no tempo, pois apontam para uma construção cotidiana da transformação esportiva.

Entendo que a primeira proposição deste trabalho, que se referia a encontrar elementos da sociedade que fazem do esporte o que ele representa atualmente, foi concluída, ainda que mereça aprofundamento. E em se tratando de delimitar perspectivas de transformação da prática esportiva, percebo que ainda há muito que pesquisar e compreender, pois as publicações são poucas e as práticas transformadoras ainda incipientes. Afirmando que este trabalho compreende uma descrição do pensamento teórico sobre o desenvolvimento do esporte moderno, e que não se configura em uma interpretação conclusiva destes pensamentos, ainda que entendimentos pessoais sejam colocados no corpo do texto.

Finalizo este trabalho, mas não o considero encerrado, assim esta primeira caminhada ainda pretende trilhar por caminhos mais longos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, S. **Reinventando o esporte: possibilidades da prática pedagógica**. Campinas: Autores Associados, 2001.
- ASSIS, S. **Realidade e possibilidade no esporte: A prática pedagógica em questão**. In X Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. Pág 226-233. Florianópolis: CBCE, 1999.
- BENTO, J. O. **Desporto e Humanismo: O Campo do Possível**. Revista Práxis da Educação Física e dos Desportos. Ano I, n.2, Rio de Janeiro: UERJ, 1998.
- BETTI, M. **Educação Física, Esporte e Cidadania**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Vol 20 (2-3): 84-92, 1999.
- BETTI, M. **Cultura Escolar e Cultura esportiva**. Revista Paulista de Educação Física, 7 (2), pág. 44-51, São Paulo: 1993
- BOURDIEU, P. **Como é possível ser esportivo?** In Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983
- BRACHT V. **Esporte, história e cultura**. In **Esporte, história e sociedade**. Marcelo Weishaupt Proni , Ricardo de Figueiredo Lucena (orgs.) Campinas, SP: Autores Associados, 2002.
- BRACHT, V. **Sociologia Crítica do Esporte: Uma Introdução**. Vitória: UFES Centro de Educação Física e Espotes, 1997.
- BRIGATTI, M. E. **O termo esporte: perspectivas históricas**. In: Anais do II Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Campinas 1994.
- DEMO, P. **Universidade e Pesquisa: Agonia de um Antimodelo**. Revista Motrivivência, pág 17 a 33, Ano V, n.5,6,7, UFSC, 1994.
- DI GIOVANNI, G. **Mercantilização das práticas corporais: o esporte na sociedade de consumo de massa**. In: Anais do III Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Curitiba, 1995.
- DUNNING, E. **Civilização, Formação do Estado e Primeiro Desenvolvimento do Esporte Moderno**. Revista Estudos. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.
- ELIAS, N. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Editora Difel, 1992.
- FEIO, N. In BRIGATTI, M. E. **O termo esporte: perspectivas históricas**. In: Anais do II Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Campinas 1994.

- GEBARA, A. **História do esporte: novas abordagens** In **Esporte, história e sociedade**. Marcelo Weishaupt Proni, Ricardo de Figueiredo Lucena (orgs.) Campinas, SP: Autores Associados, 2002.
- HOBBSAWN, E. e RANGER, T. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- HOBBSAWN, E. **A era dos impérios**. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 1988.
- KUNZ, E. **Transformação Didático-pedagógica do esporte**. 4ª ed. Ijuí: UNIJUÍ, 2001.
- MARCHI JR, W. Bourdieu e a teoria do campo esportivo. In **Esporte, história e sociedade**. Marcelo Weishaupt Proni, Ricardo de Figueiredo Lucena (orgs.) Campinas, SP: Autores Associados, 2002.
- MARCHI JR, W. **Sacando o Voleibol: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970-20)**, Tese (Doutorado em Educação Física), Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2001.
- MELO, V. A. de. **Arte popular e novas possibilidades de estudo da história da Educação física e do esporte**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Vol.19 (2): 20-24, CBCE, 1998.
- MELO, V. A. de. **Futebol: que história é essa?! In Futebol: Paixão e política**. Paulo César R. Carrano (org.), Editora DP&A, Rio de Janeiro:2000.
- PILATTI. L. A. Guttman e o tipo ideal do esporte moderno. In **Esporte, história e sociedade**. Marcelo Weishaupt Proni, Ricardo de Figueiredo Lucena (orgs.) Campinas, SP: Autores Associados, 2002.
- PILATTI. L.A. **A Interpretação do esporte na obra de Eric Hobsbawm: Um olhar sobre a sociedade burguesa**. Revista Conexões: educação, esporte, lazer V. 1, n.2, Campinas: UNICAMP, 1999.
- PIRES, G de L. **Globalização, cultura esportiva e Educação Física**. In: Anais do X Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. Goiânia: CBCE, 1997.
- PIRES, G. de L. **Breve introdução ao estudo dos processos de apropriação social do fenômeno esporte**. Revista da Educação Física da UEM v.9 N.1. Maringá: 1998.
- PRONI, M. W. **A espetacularização do esporte: Uma visão estrutural da história recente do esporte no Brasil**. In: Anais do III Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Curitiba, 1995.

- PRONI, M. W. Brohm e a organização capitalista do esporte In **Esporte, história e sociedade**. Marcelo Weishaupt Proni, Ricardo de Figueiredo Lucena (orgs.) Campinas, SP: Autores Associados, 2002.
- PRONI, M. W. **Marketing e Organização Esportiva: Elementos para uma história recente do esporte-espetáculo**. Revista Conexões: educação, esporte, lazer. V.1 n.1 p. 74-84, Campinas, 1998.
- PRONI, M. **A Emergência do Futebol-Empresa**. In Anais do V Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Maceió, 1997.
- REIS, H. H. B. **Futebol e sociedade: Uma análise histórica**. Revista On line do Grupo de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil, N. 10. Junho 2003 <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/> acesso e, 26 de Novembro de 2003 as 23:30h.
- RUBIO. K. **O Imaginário esportivo ou seriam heróis os atletas modernos?** Revista Motus Corporis de Divulgação do Mestrado e Doutorado em Educação Física. V. S1, n.1 Rio de Janeiro: UGF, 1994.
- TUBINO, M. **O que é esporte**. Brasiliense,1993.